

Run Boys

(Please, Stay Alive)



Run Boys

(Please, Stay Alive)

Triz Nunes

Autor: Triz Nunes  
Design da capa: Beatriz Morais  
ISBN: 9789403692388  
© Triz Nunes  
2023

O som estridente e repetitivo ecoava pelo meu quarto inteiro. Mas o que mais me irritava era que esse dava o sinal de que eu não poderia dormir mais um segundo que fosse ou acabaria por me atrasar.

Se o meu carro não estivesse na oficina por causa do acidente do Jack e do Nathaniel com ele, eu poderia me levantar mais tarde. Não que eu seja má pessoa, graças a deus eles estão bem, sem nenhum arranhão.

Mas entendam o caso. Estamos a falar de levantar uma hora mais cedo. Já completamente desperto, virei-me na cama, peguei meu telemóvel que se encontrava em cima da mesinha de cabeceira, e desliguei o alarme.

Largando o aparelho eletrônico sobre os lençóis da cama, observei o teto branco do quarto. Era incrível como algo tão vazio e tão simples fazia a minha mente vagar e pensar em inúmeras coisas.

Algumas delas eu preferia realmente esquecer. Mas não me queixo porque em outras vezes, foi assim que eu tive as melhores ideias para a minha empresa. E claro que como dono da mesma, convém eu ter ideias para enaltecer e expandir os meus artistas.

E apesar de existir essas coisas que eu quero esquecer, talvez seja bom lembrar delas de vez em quando, pois foi graças a tudo o que passei que me encontro onde estou. Dono de uma empresa só minha e de imensas conquistas enormes: rapper, produtor, compositor e um grande homem, segundo os meus fãs.

Até porque não é do nada que existem tantos comentários me pedindo em casamento. Mas o que eu posso fazer? Não tenho tempo para nada. Nunca tive desde que saí da casa dos meus pais. Na verdade, fui mais "*expulso*" de casa por causa da minha sexualidade.

E talvez essa seja outra das razões pelas quais ainda estou solteiro. Quando me assumi bissexual, inúmeros seres me tentaram seduzir. Mas ninguém me atraía honestamente. A única pessoa com quem realmente fiquei foi com o Thiago, um amigo do trio de Jack.

Mas acabou terminando por ser algo de apenas uma semana. Não houve tempo da minha parte para manter a chama acesa dentro dele. Talvez eu esteja precisando de umas férias.

É isso. Vou tirar um mês de férias. Trabalho naquela empresa há nove anos e nunca tive um dia de folga. Ainda sou o dono! Quem me vai impedir? Com esta ideia em mente, levantei-me da cama motivado para me dirigir à empresa e avisar os acionistas e o vice CEO sobre as suas tarefas durante o meu mês de ausência.

Saindo do quarto, dirigi-me à casa de banho, tratando de tomar um banho para acalmar o problema matinal de todo o homem, seguido da realização da minha higiene. Com ela em ordem, voltei para o meu quarto e vesti uma jeans preta rasgada no joelho e um moletom, também preto, da marca FG.

Um gorro cinzento foi o único acessório que levei. Juntamente com o meu outfit, não poderia faltar os tênis e muito menos a máscara branca, algo essencial para que não me reconheçam na rua.

Motoristas privados eram muito chiques para mim. Não importa quanto dinheiro eu tenha, simplicidade é algo a que dou valor na vida.

Pronto a sair, fui para a sala e rapidamente vi a Holly se levantar do sofá para vir se despedir de mim como faz todos os dias. Agachei-me e acariciei o seu corpo peludo desde a cabeça até ao rabo que apanhava freneticamente demonstrando a alegria da minha doce filha.

— O pai vem mais cedo hoje, meu anjo. Umhas horas e estarei em casa durante um mês para te dar muita atenção. — disse rindo e lhe dando um beijo no narizinho preto.

Voltando a ficar de pé, peguei meus pertences e saí de casa. Caminhei pelas ruas de Seul calmamente. O clima estava incrível. Céu limpo e um sol que iluminava o dia sem o aquecer, o que poderia ser desconfortável. De vez em quando era possível sentir aquela brisa fria de outono, mas nada a que um sul coreano não estivesse habituado.

Após uns bons quinze minutos a andar, cheguei ao meu café favorito em toda a Coreia. E, ao entrar no mesmo, a atendente imediatamente sorriu para mim, finalizando o pagamento de outro cliente e começando a tratar do meu.

— Aqui está, Yuri. Café sem açúcar e quentinho para esquentar a alma.

Peguei na chávena e sorri-lhe sentando-me numa das mesas do estabelecimento em seguida.

Há nove anos que trabalho na empresa, o que significa que vou a este café há oito, uma vez que no primeiro ano, todo o meu dinheiro era investido em comida ou nas despesas da casa, não havendo gastos ou até mesmo tempo para ir a um café.

Foi um período difícil, mas graças a Deus rapidamente a minha empresa começou a crescer e eu pude "*relaxar*" um pouco.

A atendente Min-ah era uma das poucas pessoas que me chamava pelo meu nome. Tirando ela, apenas os meus amigos como o Jack, o Nathaniel e o Thiago o fazem.

Acordando dos meus pensamentos, olhei para o café dentro da xícara e sorri. Terminei de beber o líquido e levantei-me da mesa. Passei os meus olhos por todo o estabelecimento até encontrar Min-ah e me despedir dela com um sorriso. Ela retribuiu e pude então sair do estabelecimento.

Já no exterior do mesmo, respirei o ar fresco daquela manhã e olhei para as horas na tela do telemóvel. Eram 07:48 da manhã, o que significava que eu não estava atrasado. Prossegui meu caminho para a empresa.

Estava animado para anunciar as férias que decidi tirar de última hora. Se não fosse pela máscara que estava a usar para esconder a minha identidade, todos naquela rua poderiam ver o sorriso presente no meu rosto.

Mas esse sorriso desapareceu como que por magia quando os meus olhos avistaram, a apenas alguns metros de distância à minha frente, uma cena horrorosa.

Parei de andar e senti o meu corpo a ficar tenso. O meu cérebro não dava ordens ao meu corpo naquele momento, ele simplesmente limitava-se a processar toda aquela cena e informação.

Na rua, caminhavam por volta de 15 homens. Todos vestidos de preto e encapuzados. No chão, corpos sem vida enchiam o asfalto de sangue. E todos os que estavam vivos eram mortos por esses mesmos homens, que lhes arrancavam a vida sem qualquer piedade com flechas.

Eram como arqueiros a fazer o trabalho da morte. E pelos vistos atualizados porque em vez de uma foice havia esses arcos e flechas. Os gritos das pessoas na rua aumentavam à medida em que eles avançavam enquanto elas tentavam fugir. Mas eles não deixavam escapar ninguém. Alguns afastaram-se do grupo e invadiram as lojas e os cafés, dando continuidade ao "*trabalho*".

Acordando do transe em que o meu corpo se encontrava devido ao choque ao ver tudo aquilo, desatei a correr. Tentei que nenhum deles me visse, mas a sorte não estava do meu lado. Um carro quase ia me atropelando, fazendo-me instintivamente desviar e cair no chão.

Ao ouvirem o som do carro a ir contra a parede do prédio, olharam naquela direção avistando-me. O meu corpo foi tomado pelo desespero, então não demorou muito para que me levantasse e voltasse a correr.

Eles gritaram e um deles começou a me perseguir enquanto os outros continuavam o que estavam a fazer. Corria o mais rápido que conseguia. Isso fazia-me ganhar distância dele, mas não o impedia de continuar e disparar flechas tentando me acertar.

Sem me aperceber, acabei virando para um beco sem saída. Pela primeira vez na vida, agradei mentalmente ao meu pai por não me deixar sair de casa, o que me levou a aprender parkour nas suas costas para sair à noite, escapando pela janela do meu quarto e o muro que envolvia a casa.

Assim sendo, saltei para cima do contentor do lixo e voltei a saltar, usando as mãos para me agarrar no parapeito de uma das janelas daquele prédio. Rapidamente balancei as minhas pernas e saltei, agarrando-me nas grades de metal das escadas de emergência do prédio.

Quando subi o meu corpo, o homem encapuzado havia entrado no beco. Ao me ver, posicionou o arco e disparou mais uma flecha. Consegui desviar-me. Subi freneticamente as escadas. Flechas passavam rentes ao meu corpo.

Estava a ficar exausto, mas não me deixaria apanhar tão facilmente assim. Subi mais um lance de escadas e deparei-me com uma janela aberta. Sem pensar em muita coisa, entrei naquela casa, fechei a janela e as cortinas.

Assustei-me ao ouvir um cão ladrar. Virei-me e vi um de porte pequeno e pêlo comprido castanho e branco.

— Mickey! O que é que se passa, bebé? — perguntou alguém.

De uma das portas da casa surgiu um homem mais alto que eu, ruivo e moreno. Tinha uma calça cinzenta vestida e o peito e o abdômen sem nada a cobrir. A cara de sono e o cabelo despenteado indicavam que este estaria a dormir e acabara de ser acordado.

Ao desviar o olhar do seu amigo, ele deparou-se comigo.  
— Quem és tu?! — perguntou assustado.



Por instinto, ele pegou a jarra de flores que estava em cima do móvel e ergueu-a acima da cabeça, pronto para me atacar caso acontecesse alguma coisa.

— Calma, eu posso explicar! — gritei, ainda mais assustado.

Levantei as mãos em sinal de rendição. Ao fazê-lo, ele arregalou os olhos e emitiu um "oh!" para meu espanto.

Olhei para o lugar em que os seus olhos estavam postos. E, ao ver minha mão, reparei que estava ensanguentada e com uma flecha espetada. O medo e a adrenalina de fugir daquele homem com vida era tanto que nem senti a minha mão a ser atingida.

— Merda! — xinguei.

Ganhando coragem, arranquei o objeto pontiagudo da minha mão e grunhi pela dor do ato.

— Mickey, para. — disse ele ao seu amigo peludo, que automaticamente se sentou e parou de ladrar, obedecendo ao seu dono.

Pousando a jarra de volta à mesa onde se encontrava anteriormente, ele veio até mim e pegou-me pelo pulso examinando minha mão.

— Precisamos tratar disso antes que infeccione. — disse ele.

— Não temos tempo! Eles estão matando toda a gente! Faz uma mala com coisas essenciais e vamos sair daqui o mais rápido possível!

— Eles? Eles quem? E matar? Do que é que estás a falar?

Nesse momento, ouvimos gritos no prédio dele. Os arqueiros devem ter entrado no prédio e invadindo as casas.

— Eu explico-te depois, mas, por favor, despacha-te! — pedi.

Ele pareceu ponderar a ideia, mas rapidamente cedeu ao ouvir outro grito. Pegou comida e o estojo de primeiros socorros. O pequeno de quatro patas andava agitado atrás do dono e ladrava cada vez que se ouvia mais gritos. E esses estavam cada vez mais perto.

— E ag...

— Shhhh... — disse eu.

Encostei o ouvido na porta. Do lado de fora, apenas se havia silêncio. Será que eles foram embora? Podem ter pensado que não havia mais ninguém aqui.

Até que me assustei. Alguém foi contra a porta do outro lado na tentativa de a arrombar. Fiz sinal para o dono do apartamento para que não fizesse barulho. Com a sua ajuda, empurramos o sofá para que este bloqueasse a porta, dando-nos algum tempo.

— Eu não sei o que é que se está a passar, mas estou a ficar assustado!

— sussurrou ele.

— Eu também não sei. Só te posso dizer com certeza aquilo que vi, e é exatamente por isso que sei que neste momento precisamos sair daqui. Existe alguma saída?

— Só a porta principal e a escada de emergência. — respondeu ele.

Caminhei rapidamente até à janela e espreitei por entre as cortinas. A rua estava cheia de homens encapuzados. Eles eram só quinze, como é que apareceram mais do nada? Outro estrondo foi ouvido na porta. O Mickey assustou-se e começou a rosnar.

— Não, Mickey. Não faças barulho, por favor... — pediu ele ao cão.

— Pela escada de emergência é muito arriscado. Acho que vamos ter de ir pela porta principal. — sussurrei eu.

Mais um estrondo. Desta vez o sofá cedeu um pouco.

— E como planeias fazer isso? Seja lá quem eles forem, parece que também estão lá fora tentando entrar!

— Se subirmos para o telhado podemos saltar para o da outra casa!

— És maluco?! — gritou ele, não pela raiva, mas porque se assustou com mais um estrondo que fez o sofá se afastar completamente da porta.

— Tens ideia melhor?! — perguntei já sendo dominado pelo medo e pela adrenalina novamente.

— Sim!!! — gritou ele, irritado.

Nesse momento um novo estrondo foi ouvido, assim como o tilintar da fechadura da porta a cair no chão, quando esta foi finalmente arrombada. Um homem de capuz entrou e empunhou o arco, preparando-se para disparar contra mim.

Nesse momento um novo estrondo foi ouvido, assim como o tilintar da fechadura da porta a cair no chão, quando esta foi finalmente arrombada. Um homem de capuz entrou e empunhou o arco, preparando-se para disparar contra mim.

Sem hesitar um segundo que fosse, Mickey começou a ladrar e a morder as pernas do intruso. Já o rapaz ruivo pegou a jarra com a qual me ameaçou anteriormente e jogou-a diretamente na cabeça do homem.

— Vamos! — gritou ele.

Reagindo ao grito dele, corremos para o corredor do prédio. Mas quando eu ia me virar na direção das escadas que nos levariam aos andares superiores, ele pegou-me no pulso e arrastou-me para as escadas que davam acesso aos andares de baixo.

O pequeno de quatro patas corria à nossa frente como se soubesse qual era o plano do dono.

Quando chegamos ao último andar, pensei mesmo que talvez fôssemos sair para a rua, o que seria uma autêntica loucura. Afinal, a rua estava repleta deles. Mas não foi isso que aconteceu. Ele puxou-me para um corredor que nos levou à cave do edifício. Ao entrarmos na mesma, trancou a porta e caminhou até junto de um armário que ali se encontrava.

— Ajuda-me a empurrar isto, por favor.

Olhei para ele e obedeci ao seu pedido. Com esforço, empurramos o mesmo. Cheguei mesmo a pensar que talvez ele o quisesse colocar em frente à porta. Mas não. Ao desviarmos o armário, reparei numa sarjeta no chão. Ele largou o armário e eu fiz o mesmo. Abrindo a sarjeta do que parecia levar a um túnel, ele desceu.

Fiquei ali parado a olhar. Eu estava chocado.

Primeiro, de onde é que surgiu essa coragem toda, porque se bem me lembro, ele estava cheio de medo quando estávamos no seu apartamento.

Segundo, que prédio é esse que tem uma sarjeta no seu interior? Já é raro uma cave, agora, uma sarjeta? E como é que ele sabe da existência dela?

Um estrondo acordou-me dos meus pensamentos. Um dos arqueiros estava novamente a tentar arrombar a porta.

— Vens ou vais continuar aí especado a olhar para o nada? — perguntou ele.

Desci para o piso do subsolo e fechei a tampa da sarjeta. Quando os meus olhos finalmente se adaptaram à escuridão pude ver que estávamos nos esgotos de Seul.

O cheiro era horrível e de facto se não fosse por uma questão de vida, eu mataria o ruivo neste exato momento por me trazer para um lugar desses.

— Precisamos nos despachar. Tenho a certeza que eles vão nos seguir por aqui. — disse ele, começando a caminhar.

— Vamos à minha casa. Não deve ser difícil fazer o caminho por aqui. Preciso ir buscar umas coisas e podemos nos preparar melhor lá. Também quero ir buscar a Holly.

— Quem é Holly?

— A minha filha.

— Tens uma filha? Uau. A tua mulher deve ser muito sortuda.

Sorri com o comentário. Impressão minha ou ele acabou de flertar comigo? Impressão ou não, comecei a rir que nem um louco, o que o fez parar de andar e olhar para mim.

— Qual é a graça?

— Nenhuma, nenhuma. — disse mordendo o lábio para tentar parar de rir. Continuamos a caminhar e eu aproveitei para soltar no ar o que estava a pensar. — Nunca pensei que um desconhecido teria ciúmes de mim.

Desta vez quem gargalhou alto foi ele.

— Bom ver que até numa situação de morte não deixas de ser convencido. Nem imagino no dia a dia. Os homens são realmente todos iguais.

— Não me conheces, então, não tens o direito de falar seja o que for sobre mim. Além do mais, pareces as mulheres a falar. Quase que posso afirmar que és gay.

— E quem disse que eu não sou?

Olhei para ele chocado. Nem sei o seu nome mas acabei de saber a sexualidade dele. O que até me deixou bastante feliz. Não vou mentir ao dizer que ele é bastante bonito.

Mas a personalidade dele. Demasiado energético. Eu gosto de calma e sossego. Ele provavelmente passaria o dia inteiro a tirar-me da minha zona de conforto.

— Viramos à esquerda. — disse eu ao chegarmos a uma zona bifurcada, indicando-lhe o caminho para minha casa.

Mais alguns metros a caminhar em silêncio foi o suficiente para chegarmos à tampa da sarjeta que se encontra na estrada em frente ao meu prédio.

Com cuidado, subi as escadas e levantei a tampa para verificar o caminho. Não avistei ninguém. Com a certeza de que seria seguro sair, indiquei-lhe que avançássemos.

Já lá fora, ele estendeu o Mickey para que eu o pegasse e só então ele também saiu.

Lentamente e sem fazer barulho, entramos no edifício e subimos até meu andar. Ao me deparar com a porta do meu apartamento arrombada, entrei em puro desespero. Entrei apressadamente dentro do mesmo e comecei a chamar pela minha filha de quatro patas.

— Holly? Holly?! O pai chegou! Por favor, aparece!

Estava quase a ter um ataque quando ouvi o som da sua coleira a raspar no chão. Corri em busca do som. Entrei no meu quarto e vi-a a sair debaixo da minha cama e a correr até mim.

Abracei-a com força e sentei-me no chão, cobrindo-a de beijos e festas. Também ela me lambia a cara e estava irrequieta pela animação.

Apenas me abandonou quando pela porta do quarto surgiu o Mickey e o seu dono. Ambos se cheiraram e cumprimentaram-se começando a brincar um com o outro.

— Começamos com o pé esquerdo. Acho que o medo e o desespero nos proporcionaram a ser um pouco irracionais e agressivos. O meu nome é Jung Hardin. Sou médico.

Olhei para ele e levantei-me do chão ficando de pé à sua frente. — Sou o Min Yuri. Dono de uma empresa de ídols. Também sou rapper, produtor e compositor. E acho que fiquei te devendo umas explicações.

— Pois. Afinal, não é todos os dias que invadem minha casa e sou perseguido por psicopatas de capuz, arco e flecha. Mas acho que podes tratar de dizer isso enquanto tratamos da tua mão.

Assenti com a cabeça, sorrindo. Sentamo-nos na minha cama. Ele retirou a mochila que tinha nas costas e o estojo de primeiros socorros que lá estava dentro.

Graças a Deus, ele não se esqueceu disso enquanto fazia a mala à pressa. Ao encostar o algodão com álcool na ferida, eu grunhi com a dor.

Ele riu-se, mas não parou.

— Então explica-me lá o que raio é que aconteceu para entrares daquela maneira na minha casa. — pediu ele.

— Eu estava a ir para o trabalho quando vi uns quinze homens como aqueles que vistes a andarem pela rua a matar pessoas sem qualquer piedade. Acabei por entrar em desespero e comecei a correr. Durante a fuga, encontrei a tua janela aberta, então entrei sem pensar duas vezes.

— Mas... Porque é que eles estão a fazer isso?

— Não sei. A única coisa que sei é que de facto eles estão muito fora de moda e bastante desatualizados de arco e flecha. E olha que eu sou uma pessoa que me visto de preto muito frequentemente.

Já desinfetado, ele cozeu a ferida aberta com fio e agulha próprios, ambos esterilizados.

— Atualizados ou não, dentro ou fora de moda, o que eles estão a fazer é bastante desumano. Com certeza têm algum objetivo em mente. A não ser que sejam apenas psicopatas que matam porque gostam. — comentou ele.

— E pelos vistos pega-se porque eles eram só quinze e agora são quase 100 ou até mais. — concluí.

Finalizando o tratamento com uma compressa enrolada à minha mão, ele começou a arrumar as coisas.

— Pronto. Agora já não há perigo de perderes a mão por causa de uma infeção.

— Uau, nada assustador. Por isso é que não gosto de médicos. — respondi eu, provocando-o.

— Isso é porque ainda não me tiveste como teu médico. — disse ele, convencido.

Revirei os olhos e levantei-me da cama. Fomos buscar mais comida e medicamentos e colocamos dentro da mala.

— Vou tentar ligar aos meus amigos. Eles precisam se precaver. — disse eu, ligando para o Nathaniel .

— Eu vou fazer o mesmo. — disse ele, pegando no seu telemóvel e discando os números.

Focando-me na chamada, rapidamente ouvi a voz feminina anunciar que foi parar à caixa do correio. Voltei a tentar ligar ao Nathaniel . Mas novamente não deu em nada.

A terceira tentativa foi uma chamada para Jack e a quarta para o Thiago . Nenhuma foi sucedida. Guardando o telemóvel, aproximei-me do Hardin.

— Alguém te atendeu? — perguntei.

— O Sam não. Vou tentar ligar para o Jonathan.

Outros números voltaram a ser discados e começou a chamar. Quase gritamos ao ouvir a voz do outro lado.

— Jonathan! Onde é que estás?

— Em casa, Hardin! Estou trancado. Bloqueei as portas e as janelas. Onde é que tu estás? Estão uns homens estranhos a atacar toda a gente!

— Eu estou num lugar seguro. Não te preocupes, estou acompanhado.

— Diz-lhe que vamos ter à casa dele. — disse eu.

— Jonathan, não saias daí. Eu e o Yuri vamos te buscar aí . Conseguiste falar com o Sam?

— Sim! Mas não foi durante muito tempo. Ele estava no edifício do jornal. Disse-lhe que se escondesse. Mas depois a chamada foi encerrada. Acho que ele ficou sem bateria.

— Okay. Então nesse caso nós devemos poupar bateria. Vou desligar. Não saias daí e protege-te Jonathan. Estamos a caminho.

— Vou ficar à espera, Hardin. Tem cuidado. Tu e o teu amigo.

— Não te preocupes.

Ele desligou a chamada. Pegamos as nossas coisas e chamamos nossos amigos. Eles apareceram aos nossos pés .

— Estás pronto? — perguntou ele.

— Sim. Vamos.

Pegamos nas mochilas e saímos de casa. O Mickey e a Holly seguiram-nos em silêncio; talvez também eles assustados.

Ao chegarmos à entrada do meu prédio, abri a porta lentamente para verificar se o caminho estava livre. Para nosso azar, havia um grupo de oito homens encapuzados a passar ali. Verificavam as zonas, talvez para garantir se haviam realmente eliminado toda a gente.

Olhei para trás e sussurrei ao Hardin.

— Vamos ter de esperar um bocado. Acho que a melhor maneira de chegarmos até a casa do teu amigo é indo pelos esgotos como fizemos para vir até à minha.

Ele acenou afirmativamente. Voltei a espreitar pela porta da entrada. Os arqueiros já estavam ficando cada vez mais longe. Quando voltei a fechar a porta, reparei que a Holly estava demasiado agitada. E não demorou muito para que o Mickey se encontrasse no mesmo estado de alerta.

Ambos rosnavam para o corredor que dava para a entrada traseira. Por ser uma porta de emergência, apenas o recepcionista tinha acesso para abrir.

Quando vi um vulto, tive o instinto de puxar o Hardin para mais perto de mim. E sinceramente, agradei aos deuses por me terem dado um ótimo instinto.

Porque assim que puxei o rapaz de cabelos ruivos, uma flecha foi disparada, passando bem ao lado dele, e ficando presa na parede que antes estava atrás dele.

— Vamos! — gritei eu.

Sáímos do prédio. E como não se pode ter tudo, os deuses deram-me bom instinto, mas também a maldição do azar. É que eu não vejo outra explicação para o azar que eu tenho em situações onde a sorte me faria imensa falta.

Ao sairmos do prédio, os arqueiros que já estavam relativamente longe, ouviram o meu grito e vieram atrás de nós.

Entrar nos esgotos agora seria uma estupidez, pois não nos daria tempo de lá entrar em segurança. Além do mais, não podíamos arriscar denunciar que essa era a nossa zona segura. É irônico. Nem parece que estou a falar de esgotos. Parece que me estou a referir ao maior palácio de Seul.

Tomados pelo desespero e pela vontade de viver, nós dois corríamos o mais rápido que conseguíamos.

— Aqui! — gritou ele, indicando que entrássemos na porta de um beco.

Confiando nele mais uma vez, fiz o que ele mandou. Ao entrarmos, ele trancou a porta e acendeu a luz. Já com o espaço iluminado, podemos perceber que estávamos numa garagem.

— Sabes dirigir? — perguntou ele.

— Pretendes ir de carro? Não achas que isso vai chamar muito atenção?



— Não consigo pensar em mais nada agora. Eu até dirigiria, mas estou tão nervoso, que nem sei como é que ainda estou de pé.

Ao observá-lo melhor, pude ver as lágrimas que se formavam nos seus olhos, na respiração desregularizada, e no seu corpo que tremia imenso.

Por momentos, pensei que talvez fosse por causa do medo e de ter acabado de correr imenso, mas quando ele chamou o meu nome com a voz fraca percebi que se tratava de um ataque de ansiedade.

Fui até ele e peguei-lhe no rosto, incentivando-o a olhar para mim. Pedi-lhe para que ele se concentrasse apenas na minha respiração e que fechasse os olhos.

Aos poucos, ele começou a tentar controlar a sua respiração, tentando acompanhar o ritmo da minha. Vi as lágrimas que antes ameaçavam cair, escorrerem pelas suas bochechas.

Com o polegar, limpei-as. Ele abriu os olhos e olhou nos meus. Abriu a boca como se quisesse dizer alguma coisa, mas limitou-se a agarrar e libertar-se das minhas mãos e a afastar-se.

Fingindo que nada havia acontecido, começou a colocar as suas coisas dentro de um jeep que ali estava.

— Acho que esta é a nossa melhor chance. Chegaremos mais rápido a casa do Jonathan. Quando lá estivermos, podemos pensar noutra coisa.

Concordei com ele, fingindo também que nada se tinha passado. Coloquei no interior do jeep a minha mala e fui buscar alguns bidões de gasolina, para que ela não acabasse durante a nossa viagem.

— Venham, pequeninos. — disse eu, abrindo a porta e pegando no colo Mickey e Holly, colocando-os no interior do veículo.

O rapaz de cabelos ruivos entrou no lugar da frente e eu ocupei o lugar do motorista. Respirei fundo algumas vezes. Já mais confiante, apertei o botão para abrir automaticamente o portão da garagem.

Não esperei que este abrisse por completo. Assim que o espaço livre era suficiente para deixar passar o jeep, pressionei com força o acelerador. Saindo da garagem, segui caminho sem me importar com a velocidade a que íamos.

Era possível ver os arqueiros a sair de onde estavam para correrem atrás do jeep ou para tentarem acertar com as flechas as rodas. O Mickey e a Holly começaram a ladrar, enquanto o Hardin me indicava o caminho que eu devia seguir para chegarmos à casa do amigo.

Houve um momento em que uma flecha acertou no vidro da janela do meu lado. Graças a Deus não partiu, e pela primeira vez nesta situação, não deixei o medo tomar o meu corpo.

Segui viagem, acelerando ainda mais. Quando estávamos quase a chegar, o ruído começou a pegar nas malas e a preparar os cachorros. — É aquela casa ali na frente. — disse ele, mostrando-me uma casa em tons bege.

Assim que paramos em frente à porta, saímos do carro a correr. Puxei-o comigo para as traseiras da casa. Com a ajuda da coluna de mármore que sustentava uma das varandas, subi para a mesma.

Ele parecia admirado ao ver as minhas habilidades. Há muita coisa que ainda não sabemos um do outro, pensei.

Retirei uma corda da mochila e descii-a. Ele enrolou a mesma ao corpo dos dois peludos de quatro patas e eu puxei-os. Só depois foi a vez dele subir.

Começou a bater freneticamente na porta da varanda. Mas nada. Ninguém respondia. Com um clipe, tentei abrir a fechadura. — Depressa. — indicou ele, ao visualizar alguns arqueiros no relvado abaixo da varanda.

Com muito esforço e insistência, consegui finalmente abrir a porta. Entramos e voltamos a fechá-la.

— Começo a pensar que tens um dom especial para entrar na casa de desconhecidos. — disse ele, tentando disfarçar o seu stress, brincando um pouco com a situação.

Ri-me com aquilo. Um pouco mais tranquilos, começamos a chamar o amigo dele. Não demorou muito para que ele aparecesse. — Hardin!

Eles abraçaram-se. Depois de matarem as saudades, começamos a explicar ao loiro de nome Jonathan a situação.

— E é isso. Não sabemos de onde é que eles apareceram ou qual é que é o plano deles. Se é que sequer têm um. — comentou o Hardin.

— Isto de veras é muito assustador. Eu não percebi ao início o que é que estava a acontecer. Apenas vi os meus vizinhos serem assassinados. Tentei ajudar, mas desisti. Fechei-me em casa. Mas tem uma coisa... — respondeu ele.

— O quê? — perguntou o Hardin.

— Eu digo com toda a certeza de que eu vi os meus vizinhos serem mortos. Mas eu das vezes que fui ver como estava a situação lá fora, vi algo que me deixou bastante chocado. As setas com que eles foram

atingidos, desintegraram-se. Alguns minutos depois eles estavam novamente "vivos". Mas eram diferentes. Como se estivessem a ser controlados.

— Achas que podemos ligar a televisão? Talvez já esteja nas notícias o que é que se está a passar. Certeza que alguém conseguiu reportar e avisar as autoridades. Quem sabe eles já estejam a tratar de criar um plano de resgate para sobreviventes como nós. — disse eu.

Ele acenou. Ligamos a televisão. Passamos todos os canais, todos os telejornais, mas nada. Não havia uma única notícia sobre Seul.

Nós três ficamos assustados. O que é que se estava a passar? A capital da Coreia estava a ser atacada por loucos e não havia uma única notícia sobre isso?

Nós três ficamos assustados. O que é que estava a se passar? A capital da Coreia estava a ser atacada por loucos e não havia uma única notícia sobre isso?

— Sou o único admirado com isto? — questionou o Jonathan.

— Não. Não é sequer normal uma coisa dessas! Estamos em Seul, porra! Como é que não há uma única notícia?! — exclamou o Hardin, um pouco irritado.

— Tem calma. Provavelmente há uma razão. O governo pode ter impedido a imprensa de espalhar a situação para não gerar confusão por toda a Coreia. Imagina como seria. As pessoas entrariam em pânico facilmente e enlouqueceriam. — disse eu, tentando arranjar uma justificação que também convencesse a mim mesmo.

— Não acredito muito nisso. Mas a única pessoa que nos pode esclarecer sobre isso será o Sam. Deveríamos ir à procura dele. — disse o Jonathan.

— Sim. Certeza que ele sabe alguma coisa. — concordou o Hardin.

— Não sei se será seguro sairmos agora. Apesar de que, nem sequer sei mais o que é seguro e o que não é. — comentei eu.

— Ei, não desmotive. Não te dou autorização para isso! — comentou o Jonathan.

— E desde quando mandas em mim? Aliás, devias usar honoríficos comigo, visto que sou mais velho.

— Não! Não te conheço de lado nenhum e não sou obrigado a respeitar-te. E é certo que não mandas em mim, mas não me faças enfiar-te positividade no corpo à porrada! — respondeu ele.

Olhei para o loirinho, surpreso com a sua resposta. O ruivo começou a rir-se. Voltei-me para ele.

— Qual é a graça? Achas bem ele responder-me assim, ruivinho?

— Tu é que provocaste. Jonathan sabe ter a língua bem afiada quando quer. E não me chames de ruivo. Ou queres que te chame verde?

— Estás com algum problema com a cor do meu cabelo? — questioneei eu.

Ele ia me responder, mas fomos interrompidos por Jonathan.

— Parem de discutir os dois! São os mais velhos aqui, mas parecem duas crianças! Preciso vos ensinar a ter educação? Que infantis!

Vamos mais é fazer algo útil como preparar-nos para ir buscar Sam no

jornal. Quantos mais formos, melhor. Afinal, várias cabeças pensam melhor que só uma.

— Mas nós somos três cabeças! — queixou-se o Hardin.

— Na verdade é só uma porque vocês dois não usam, com certeza, a massa que está dentro do vosso crânio!

O Hardin fechou a cara, o que me fez rir. Ele encarou-me e eu tentei conter-me, mas foi mais forte do que eu.

— Não sei porque te estás a rir! Ele também estava a falar de ti, idiota! — disse-me ele.

— Isso não faz com que a tua cara tenha menos piada. — respondi.

Olhamos para Jonathan, que suspirou e foi buscar uma mala para arrumar as suas coisas. Enquanto Hardin o foi ajudar, eu fiquei a tomar conta do Mickey e da Holly.

Os dois brincavam entre si, bastante animados. Não conseguia parar de sorrir ao olhar para aquele momento.

— Parece que os animais são mais sociáveis que os próprios donos. — disse o Jonathan, voltando para a sala.

Eu e Hardin bufamos. Eu tenho lá culpa que ele seja irritante? Estou aqui para resolver esta situação e ajudá-lo a sobreviver, não para gostar dele ou fazer amizades.

— Então já tens tudo, príncipe encantado? — perguntei eu.

— Juro que te vou fazer engolir as palavras à porrada. — disse ele.

— Como queiras. Mas aconselho a usar toda essa raiva e má energia para bater nos homens de capuz. Seria bem mais útil. Agora vamos. Estive a analisar a área. Podemos seguir pelos esgotos. Em frente à entrada do jornal tem um sarjeta. Podemos sair por ele e entrar no edifício do jornal.

— E vamos agora? Está de noite. — questionou o Hardin.

— Sim. Apesar de psicopatas, esses monstros não deixam de ser humanos, o que significa que não conseguem enxergar direito no escuro. Será mais fácil para nós passar despercebidos. Então, vistam roupas escuras e vamos sair. — expliquei.

Após trocarmos de roupas tal como sugeri, saímos pela varanda que eu e Hardin havíamos entrado anteriormente. Descemos a coluna lentamente e avançamos para a rua.

Mas antes que chegássemos ao sarjeta que nos levaria para os esgotos, puxei Hardin pelo braço, escondendo-nos atrás de um carro.

— Mas o que...

— Shhhh, Hardin! — disse eu, tapando-lhe a boca com a mão.

O olhar dele sobre mim fez uma corrente elétrica percorrer todo meu corpo, causando-me um arrepio. Pensamentos impuros invadiram-me a mente. O meu coração acelerou, batendo agora a mil.

Agradei à voz de Jonathan, que me acordou do meu pequeno surto, me fazendo destapar a boca do ruivo automaticamente. Mas a expressão que ele tinha no rosto indicava que, ou ele percebeu o que eu pensei, ou havia pensado exatamente o mesmo.

— Eles estão a sair dos esgotos. Provavelmente sabem que podem haver pessoas lá. — disse o Jonathan.

— Nesse caso, não será seguro irmos por lá. Talvez haja menos deles, mas se precisarmos fugir ou arranjar caminhos alternativos, vai ser mais complicado. Também não podemos dirigir. Acender os faróis do carro agora vai chamar demasiado a atenção deles. E não podemos simplesmente dirigir de noite com eles apagados. — concluí.

— Na verdade, acho que um carro até nos será bastante útil. — afirmou o Hardin, já também recomposto.

Tanto eu, como Jonathan, não entendemos onde ele queria chegar. A única coisa que conseguimos perceber é que o rapaz ao nosso lado estava muito satisfeito pela sua ideia, devido ao sorriso enorme estampado no seu rosto.

Sem nos dizer uma única palavra, ele afastou-se de nós e correu até o fundo da rua sem ser visto. Observando com atenção cada movimento seu, pude vê-lo pegar um ferro e partir a janela de um dos carros que ali estava.

Ao quebrar o vidro, o carro ativou o alarme e o som era ensurdecedor, assim como era irritante para os nossos olhos os piscas dos faróis. Sem hesitar um segundo, ele voltou para junto de nós.

Não demorou muito para finalmente entendermos a ideia dele. Todos os arqueiros correram para perto do carro, entrando em estado de alerta naquela zona, deixando-nos com o caminho livre para seguir na direção oposta.

— O que acabaste de fazer foi ótimo, mas muito arriscado. Da próxima vez, pelo menos explica a tua ideia antes de a colocares em execução!

— queixei-me.

— Agora já está. Vamos aproveitar, antes que eles percebam que foi um falso alarme e uma distração. — concluiu o Jonathan.

Acenei a cabeça em sinal afirmativo. Prosseguimos assim pelas ruas menos movimentadas de Seul. Todo cuidado era pouco. Parece que a cada cinco metros há um arqueiro novo. De onde é que eles

vêm? Eu não faço ideia. Como é que agora há uma multidão deles? Também não sei.

Mas começa a ser cada vez mais difícil de entender ou de saber. Não temos quaisquer pistas ou sequer uma ideia do que possa estar a acontecer. A nossa única esperança é de facto as notícias, mais concretamente esse tal Sam, amigo deles.

Ao pensar nisso, lembrei-me do Jack, do Nathaniel e do Thiago . Continuo a tentar contactá-los, mas não obtenho qualquer resultado. O desespero toma cada vez mais o lugar da esperança no meu corpo. Eu quero acreditar que eles estão bem.

Afinal, o Nathaniel é militar. Com certeza que os está protegendo. Quem sabe eles também estejam à minha procura.

— Vamos virar aqui. O edifício fica duas ruas abaixo, Yuri. — sussurrou o Hardin, informando-me, uma vez que ele e o Jonathan eram os únicos que sabiam.

Acenei, seguindo atrás dos dois. Rapidamente, chegamos ao edifício. Por segurança, entramos pela porta de trás. Em silêncio, subimos as escadas que levariam ao andar onde se situava o escritório do Sam. Ambos os rapazes tinham esperança de que o seu amigo estivesse lá. E eu estava a rezar para que ele realmente estivesse.

Ao chegarmos ao piso desejado, avistamos dois arqueiros. Escondemo-nos nas escadas.

— O que é que vamos fazer agora? — sussurrei.

— Precisamos de uma distração. Mas preciso pensar em algo. — disse o Jonathan.

— Nesse caso, é melhor despachares-te a pensar, porque eles vêm para cá! — alertou o Hardin.

— Não consigo pensar em nada! — comentou o Jonathan, desesperado.

Sem pensar duas vezes, agarrei a mão do ruivo e retirei o anel que se encontrava no seu dedo. Atirei-o para as escadas que levavam ao andar de cima. Escondemo-nos melhor no escuro.

Os arqueiros, que entraram em alerta ao ouvir o barulho, subiram para o andar de cima, dando-nos a oportunidade perfeita de entrarmos sem sermos apanhados na sala do Sam.

Ao estarmos de frente para a mesma, rodei a maçaneta, mas a porta não abriu. O Jonathan bateu de leve na mesma e sussurrou: — Sam! Se estiveres aí, deixa-nos entrar! Somos nós!

Mas não houve resposta. Na verdade, a única coisa que ouvimos foi o grito de um arqueiro no fundo do corredor pronto a disparar-nos. Mas antes que nós pudéssemos reagir ou que ele pudesse nos atacar, uma bala atravessou-lhe a cabeça.

Quando o corpo caiu, pude ver quem havia feito aquilo. Na sua mão, havia uma pistola com silenciador. Ao contrário do Jonathan e do Hardin, que ficaram assustados por não conhecer o homem em causa, eu corri até ele e abracei-o.

— Enlouqueceste? Desde quando dás abraços? — perguntou ele.

— Cala-te, Nathaniel. Não é por teres uma arma que tenho medo de te bater! — respondi eu, quebrando o nosso abraço e sorrindo.

— Sei disso muito bem. Machucastes? — perguntou ele, apontando para a minha mão, ainda enrolada pela compressa.

— Sim. Mas está tudo bem. O Hardin ajudou-me. Podem juntar-se a nós, ele é meu amigo. — disse eu, acalmando os dois rapazes, que se encontravam a uma certa distância, talvez por questão de medo e segurança.

— Venham. — indicou o Nathaniel, a mim e aos outros dois rapazes que se juntaram a nós, agora menos assustados.

— É bom saber que estás bem. E pelos vistos, a Holly também está bem e animada com o amigo novo. — disse ele.

— Sim. O Monie está bem? — perguntei, receoso.

— Sim. Está escondido na sala com o Sam. Eu ouvi a agitação dos arqueiros cá fora, então vim ver o que se passava.

— Sam? Kim Sam? — questionou o Hardin, esperançoso.

— Sim. Vocês devem ser os amigos dele. Sei que não é a melhor hora, mas prazer em conhecer-vos.

— Mas o que é que tu fazes aqui? Não devias estar na base militar? — questionei.

— Sim. Mas vim trazer Sam ao trabalho. Quando o deixei, vi o que estava a acontecer, então acabei por ficar aqui para o proteger.

— Então és tu o namorado secreto dele? — perguntou o Jonathan.

Ele riu-se, dando-nos a confirmação da pergunta. Tirando ele, nós três ficamos bastante chocados. Então os nossos amigos estavam a namorar secretamente e esconderam isso de nós. Pior ainda é a minha situação, porque Hardin e Jonathan, pelos vistos, já desconfiavam, agora eu não fazia a mínima ideia.



Chegando a uma porta, Nathaniel rodou a maçaneta e indicou-nos que entrássemos, fechando-a logo em seguida e bloqueando-a com mesa e cadeiras.

Numa sala consumida pelo escuro, acendeu-se várias velas, uma de cada vez, até que a iluminação fosse suficiente para vermos onde nos encontrávamos.

Num dos cantos, um rapaz bastante bonito e de ombros largos estava a segurar o Monie. Mas ao ver os amigos, levantou-se e foi abraçá-los, largando o pequeno peludo, que veio cumprimentar a sua amiga de longa data, Holly, e conhecer o Mickey.

— Olá. Sou o Sam. — disse ele, estendendo-me a mão.

— Sou Yuri. Mas podes me tratar por Yu. — disse eu, apertando-a.

— Ei, porque é que eu não te posso tratar por Yu? — questionou o Hardin.

— Tu podes. Não tratas porque não queres. Por igualdade, vou te tratar por Ha. — respondi.

— Não te dei autorização para isso. Ha é só para amigos.

— E quem disse que os meus amigos me tratam por Yu? Ninguém. Até porque, o apelido que os meus amigos usam é totalmente secreto. Então, não penses que estou a ser simpático contigo. — eu revelei.

— Graças a deus vocês estão aqui. Não faz nem um dia que estou com estes dois e já tenho vontade de atirá-los da janela. — disse o Jonathan.

— Ah, o Yuri é assim. Ele não vai com a cara de ninguém. Mas olha que normalmente ele ignora a pessoa. Se ele te responde, é porque provavelmente até gostou de ti. — comentou o Nathaniel.

As bochechas do ruivo ganharam a mesma tonalidade do seu cabelo. Mas não tive muito tempo para observar isso porque foquei-me em fuzilar o Nathaniel com o olhar, fazendo-o sentir-se culpado por revelar a minha personalidade e jeito de lidar com as pessoas.

Apercebendo-se do que disse, rapidamente corrigiu o seu erro. — Gostar como amigo. Porque quando está apaixonado, ele tem tendência a não só responder a pessoa, como provocá-la com pequenas coisas.

Desta vez não foi apenas Hardin que corou violentamente. Senti as minhas bochechas queimarem por conta da vergonha. Sem hesitar, joguei-me em cima de Nathaniel, começando a dar-lhe alguns cascudos na cabeça.

— Ai! Desculpa! Desculpa! — dizia ele, rindo-se.

Não tardou muito para que todos estivessem a rir, enquanto eu tentava me acalmar e Nathaniel coçava a cabeça pela dor. Ninguém mandou me expor desta maneira. O que é que eles vão ficar a pensar agora? Eu provoço o Hardin, mas Deus me livre de gostar dele.

— Bem, agora voltando ao principal ponto da situação em que estamos, temos de tentar entender o que se passa. Vocês viram as notícias? Deve ter alguma informação... — comentou o Sam.

— Verificamos. Não há nem uma notícia. Isso é de facto estranho. Pensamos que talvez tu soubesses de alguma coisa, visto que trabalhas para o jornal. Além do mais, és jornalista, então ninguém melhor que tu para juntar os factos e analisá-los. — concluiu o Jonathan.

— Bem, não há muitos factos que eu possa analisar. Não vi nada ou sequer sei algo que me leve a ao menos criar uma teoria. A única coisa que tenho a certeza é que estes homens são completos malucos e de facto há qualquer coisa que não está certa.

— O que te faz dizer isso? Nós desconfiamos, mas tu pareces ter bastante certeza de que há algo estranho. — questionei.

— Ele tem motivos para isso. Eu contei-lhe que há cerca de dois dias, os diretores da base militar de Seul enviaram soldados para impedir a entrada ou saída de pessoas aqui. Ontem à noite, dispensaram a todos. Foi por isso que tive tempo de vir levá-lo ao trabalho. — esclareceu o Nathaniel.

— Então acham que o governo sabe de alguma coisa? — perguntou o Hardin.

— É possível. Mas pode não ser o caso. Afinal, o jornal para o qual trabalho mandou alguns repórteres para Incheon. Segundo o que eu soube, houve um surto no hospital. As possibilidades do que está a acontecer são tantas, que não há forma alguma de ter uma ideia concreta. — respondeu o Sam.

— Bem, talvez devêssemos investigar. Mas antes de tudo, quero encontrar o Jack e o Thiago. Tiveste notícias deles, Nathaniel? — perguntei, um pouco estressado.

Eu sei que talvez eles conseguissem se safar sozinhos, mas estariam mais descansados se Nathaniel estivesse com eles e, visto que não é o caso, estou a entrar um pouco em pânico.

— Não. A última vez que os vi, foi hoje de manhã. Fomos beber café juntos. Mas nada demais. Fui buscar o Sam em casa e o resto vocês já sabem. — disse ele.